



Fundos rotativos solidários: fortalecimento da auto-organização para gestão coletiva dos bens comuns e empoderamento das mulheres agricultoras.

Solidarity revolving funds: strengthening self-organization for the collective management of common goods and empowering women farmers.

CARDOSO, Ivanilson Estevão Silva, LIRA, Francisca Nirley Andrade
AS-PTA, ivanilson@aspta.org.br ; AS-PTA, nirley@aspta.org.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: O trabalho que segue, é a sistematização de uma prática de intervenção realizada no assentamento Oziel Pereira, município de Remígio, território da Borborema, no estado da Paraíba. A ação teve como objetivo principal fomentar um grupo de Fundo Rotativo Solidário (FRS) com mulheres agricultoras do assentamento. O território da Borborema tem grande capital social, onde, atua o Polo Sindical da Borborema, uma rede de 13 sindicatos de trabalhadoras e trabalhadores rurais (STRs), que vem apoiando redes locais de inovações agroecológica em 13 municípios que conformam o território. A intervenção foi realizada em um período de 18 meses através de momentos de formação com o grupo de mulheres para leitura coletiva da realidade e acompanhamento individual das famílias para implementação das tecnologias fomentadas pelo FRS. Nos momentos de formações foram utilizados linha do tempo e mapa do assentamento elaborado pelas próprias famílias, além de vídeos de experiências, tarjetas, banners, data show e outros. O resultado desse trabalho foi a implantação e consolidação de 01 grupo de FRS composto por 18 mulheres e 01 homem, agricultoras (o), que se reúnem mensalmente para avaliar, planejar e encaminhar questões de interesse da coletividade visando a melhoria da produção nos quintais produtivos e o fortalecimento da gestão dos bens comuns, auto geridos por mulheres. Os fundos rotativos, promovem a construção coletiva de uma rede de reciprocidade, despontando como poderoso instrumento na geração de renda, no combate à pobreza de grupos mais vulneráveis, a exemplo de mulheres e jovens.

Palavras-Chave: sistemas peridomésticos; economia solidária; geração de renda.

Contexto

A experiência foi desenvolvida na Borborema, local de atuação do Polo Sindical. O Polo é uma rede que articula 13 Sindicatos de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais (STTRs), mais de 150 associações, uma associação regional de agricultoras e agricultores agroecológicos, a EcoBorborema e uma cooperativa, a CoopBorborema e é assessorado pela AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia.

Ao longo de 27 anos, o Polo vem fomentando um processo de transição agroecológica por meio da organização de comissões temáticas como: sementes, água, juventude, criação animal, cultivos agroflorestais, mercado, saúde e alimentação, envolvendo os 13 municípios de atuação. As comissões temáticas são espaços formados por agricultoras e agricultores-experimentadores, lideranças sindicais e assessores técnicos e tem por objetivo estimular os processos de



experimentação, incidência política e a organização da luta em defesa da agroecologia.

A comissão de saúde e alimentação é formada por mulheres agricultoras e é o espaço onde se reflete sobre arredor de casa, o papel do trabalho das mulheres na agricultura, e é por onde se constrói a luta política do enfrentamento ao machismo e ao patriarcado. Um dos instrumentos político-pedagógicos de organização das mulheres para construção da agroecologia é o Fundo Rotativo Solidário (FRS).

Os FRSs são sistemas econômicos construídos a partir de laços sociais de reciprocidade e ajuda mútua, geridos pelas comunidades por meio da colaboração de todas e todos envolvidos. Os FRSs revelam-se como forma elaborada para execução de ações coletivas ou familiares, que organizam a gestão dos bens comuns. Compreende-se como bens comuns os dispositivos de ação coletiva existentes na comunidade, como: banco de sementes comunitários, equipamentos coletivos, salão comunitários, conhecimento e outros. Os FRSs são encontrados em todas as regiões do Brasil nas suas mais diversas formas, sendo a região nordeste a maior detentora dessas experiências com 64% do total catalogada em 2012 (BARRETO, 2016).

No Nordeste brasileiro, a Paraíba tem destaque no trabalho com os FRS, tanto em quantidade de grupos instituídos, quanto em diversidades de bens apoiados. O mesmo acontece no território da Borborema, onde encontra-se um vasto capital social instituído e um grande número de experiências e de expressões da economia solidária, autogerido sobretudo, por mulheres camponesas. A comissão de saúde e alimentação junto com a comissão de juventude são responsáveis pela gestão de 95% dessa iniciativa no território, apresentando um enorme potencial de promoção de espaços de organização das mulheres e das juventudes camponesas.

Paul Singer (2002) afirma que “Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo dessa prática”. O mesmo podemos afirmar dos FRS, uma vez que essa prática promovem a auto gestão de grupos, resgatando e fortalecendo valores típicos das comunidades camponesas, como: confiança mútua, solidariedades e reciprocidade.

O acesso das mulheres, a novos conhecimentos e a bens materiais, através dos FRS, foi fundamental na estruturação e inovações dos sistemas agroalimentares das famílias agricultoras, fortalecendo a gestão de bens comum, geração de renda, soberania e segurança alimentar nos agroecossistemas autogeridos pelas agricultoras.

Descrição da Experiência

Neste contexto, foi realizado um trabalho de intervenção no Assentamento Oziel Pereira - Agrovila Lagoa do Jogo, no município de Remígio-PB como parte de um estudo de aprofundamento sobre o potencial dos FRSs. Esse trabalho foi realizado em parceria com o Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais e a Cooperativa do Assentadas da Reforma Agrária. A ação foi realizada no período de agosto de 2021 a março de 2023, e teve como objetivo fomentar a criação de um grupo de Fundo Rotativo Solidário com mulheres agricultoras da



Agrovila; bem como, promover encontros comunitários para leituras coletivas da realidade socio-organizativa das famílias apoiadas pelos fundos.

No decorrer das atividades, cerca de 25 pessoas, se envolveram no processo de formação, sendo o público predominante feminino em todos os momentos da execução. Utilizou-se a construção da linha do tempo, de mapas comunitários, e das rodas de conversas como metodologia participativa para realização das atividades.

A formação do novo grupo de FRS se deu por dentro da ação das Comunidades Resilientes e foi o resultado de ciclos de formação executados conforme descrito a seguir. O primeiro ciclo teve início com a mobilização das famílias para participarem do processo de formação proposto na intervenção. Para escolha dos participantes foi considerado os seguintes critérios: paridade de gênero; membros mais velhos da comunidade; pessoas que tiveram maior engajamento na luta pela terra, representantes dos espaços socio-organizativos existente na comunidade como: Cooperativa dos Trabalhadores e Trabalhadoras, Movimentos Sociais (MST), Banco de Sementes Comunitário, grupos religiosos (Igrejas e terreiros), grupos de jovens e grupo de mulheres.

O segundo ciclo se deu com a realização de encontros comunitários para leitura coletiva da realidade com objetivo de realizar a construção da linha do tempo do assentamento. Ainda neste ciclo, foi realizada uma segunda leitura da linha do tempo, agora pelo olhar das mulheres e foram realizadas oficinas com as agricultoras para realização de um diagnóstico dos bens comuns e dos arredores de casa.

No terceiro ciclo de formação, foram realizadas oficinas comunitárias sobre FRS e gestão de bens comuns. A partir do diagnóstico dos arredores de casa, como é localmente denominado a área de domínio do trabalho da mulher agricultora, foi realizada uma mostra de experiências a partir de [vídeos](#) construídos com a ideia de uma visita de intercâmbio onde agricultoras e agricultores demonstravam inovações que dialogavam com os problemas levantados pelo estudo. As trocas foram realizadas por meio de vídeo, pois à época, vivia-se a pandemia da Covid-19.

Após esse momento de troca, ainda que virtual, as mulheres foram convidadas debater como poderiam superar os desafios dos seus sistemas produtivos e a conhecer os FRSs como forma de organização para superá-los. Após o debate, foi formado um grupo inicial com a participação de 17 mulheres. Esse grupo participou de novas formações sobre os FRSs e realizaram exercícios coletivos para a elaboração de regras de funcionamento e autogestão. Geralmente, a assessoria fortalece o sistema solidário com 30 a 40% de inovações e com a colaboração de cada participante, todas as mulheres acabam aprimorando seus sistemas produtivos.

Durante o quarto ciclo, para implantação do FRS foram realizadas visitas técnicas às primeiras mulheres, previamente beneficiadas por meio de sorteios para serem contempladas com o fomento do FRS - fogão ecoeficiente, telas, pequenas criações, sementes e mudas.

Por fim, no quinto ciclo, foi o período das visitas para acompanhamento técnico individual e coletivo às mulheres contempladas.

Vale destacar, que o grupo em questão, já vinha participando de processos de formação assessorado pela AS-PTA e o Polo da Borborema sobre os efeitos das



mudanças climáticas e gestão de bens comuns. Neste sentido, as atividades propostas na intervenção, foram elaborados de maneira que pudessem ser realizadas em consonância com a dinâmica de formação em curso e ao mesmo tempo fomentar o processo de inovações das propriedades geridas prioritariamente por mulheres.

Resultados

Os objetivos propostos pela iniciativa foram alcançados de forma integral, uma vez que foi implantado um grupo de fundo rotativo solidário e as 17 mulheres agricultoras participaram de todas as etapas de formação proposta no cronograma de intervenção e receberam fomentos para melhoria dos seus sistemas peridomésticos. Seja pelo apoio das entidades parceiras ou com recursos próprios gerados pelo grupo.

No final do período de abrangência deste relato (fevereiro 2023), constatou-se o aumento no número de membros do grupo. Neste período o coletivo contava com 19 pessoas associadas, sendo 18 mulheres e 01 homem, que não se sentia confortável em participar dos espaços mistos e foi acolhido pelas mulheres do assentamento. Todos os inscritos no grupo já haviam acessado o FRS pelo menos uma vez, para aquisição de material para construção de fogão, cercamento dos quitais, pequenas criações, mudas e/ou sementes para o resgate de culturas resistentes as mudanças climáticas.

Para além dos resultados quantitativos, observam-se que muitos resultados qualitativos foram alcançados com a implantação do projeto na comunidade. Destaca-se que o grupo é gerido exclusivamente pelas mulheres, que têm o controle total da tomada de decisão e da gestão do recurso. Elas se reúnem mensalmente para avaliação, planejamento, para fazer os repasses das contribuições, a prestação de contas e o sorteio de novas beneficiárias. Também se observou, que no decorrer das ações, o número de mulheres participando em espaços sócio organizativos no nível local e também regional (nas atividades associadas ao Polo da Borborema) e em mobilizações em defesa de direitos e do território, aumentou, cerca de 50% em relação ao ano de 2022. A exemplo da participação das agricultoras na 14ª Macha pela Vida das Mulheres e Pela Agroecologia com o tema: Mulheres em Defesa do Território, e o lema: Borborema Agroecológica não é Lugar de Parque Eólico. A Marcha é a expressão da luta por direitos e contra toda e qualquer forma de violência, organizada pelas mulheres do Polo e que acontece todos os anos no mês de março no território da Borborema.

Também é perceptível um grau de empoderamento feminino, no enfrentamento do patriarcado e nas tomadas de decisões na escolha e implantação de inovações para fomentar as potencialidades produtivas nos sistemas peridomésticos. A relação de confiança e a reciprocidade entre as agricultoras da comunidade também foram fortalecidas.

Nos momentos de formação, foram relatadas pelas beneficiarias algumas limitações na implantação do grupo, dos quais podem ser citados: a cultura patriarcal, onde busca a todo instante invisibilizar o trabalho das mulheres, com objetivo de impedir ou retardar o empoderamento feminino; o crescente números de roubos de animais e outros bens na comunidade; e a inadimplência de algumas beneficiárias do FRS comprometendo o apoio a novas beneficiarias a cada dois



meses, conforme planejado. Vale ressaltar que esses desafios ainda carecem de atenção total na elaboração de estratégias a fim de superá-los.

Considerando os desafios expostos, faz-se necessário a continuidade do processo de formação e acompanhamento do grupo para elaboração de estratégias a fim de mitigar os desafios apontados pelas mulheres agricultoras. Como estratégia para superação, esforços já estão sendo realizados, a exemplo da inserção do grupo na rede territorial de fundo rotativo solidário, organizada pelo Polo da Borborema e assessorada pela AS-PTA.

Em que pese os desafios apontados, o grupo está consolidado e organizado no formato de consócio solidário. Os sócios contribuem com o valor mínimo de R\$ 25,00 (vinte e cinco reais) mensal e cada 3 meses uma nova agricultora é contemplada com material para estruturação do sistema peridoméstico, visando o fortalecimento da produção familiar de base agroecológica. Ao longo dos 18 meses de fundação do grupo seis (06) novas agricultoras foram apoiadas com telas e fogões ecoeficientes, com recursos gerados pelo grupo. Considerando que o valor médio das implementações apoiadas foi de R\$ 1.000 (hum mil reais), neste período o grupo gerou um total de R\$ 6.000 (seis mil reais).

Conclusão

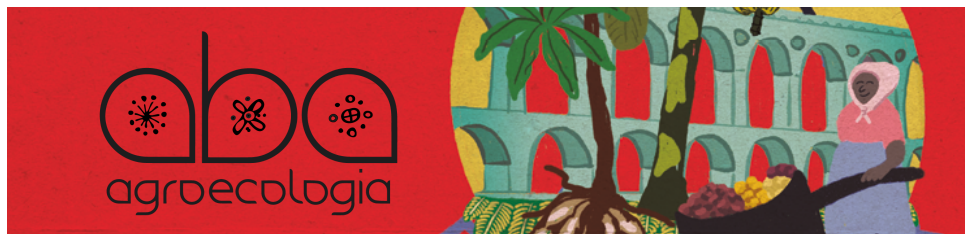
A decisão de implantar um grupo de FRS genuinamente com mulheres, não foi aleatória. Deve-se ao fato de que são as mulheres principais defensoras dos bens comuns. E também são elas, que estão entre as pessoas mais pobres em todo o mundo. São as mulheres que pagam o preço mais alto pelos impactos do modelo econômico que produz desastres socioambientais. São as mulheres que estão na linha de frente nos serviços de cuidados. São as mulheres que ficam com os filhos quando os esposos vão trabalhar fora. Mas também são as mulheres que estão na defesa de direitos sociais, de seus corpos e dos territórios, formulando alternativas e ressignificando as resistências.

São as mulheres que através de suas diversas formas de organização e atuação na sociedade promovem o desenvolvimento. Desenvolvimento endógeno que favorece a cooperação entre atores cujos interesses não são idênticos, mas que podem encontrar áreas de convergência em novos projetos, de tal forma que todos se beneficiem. São as mulheres que coordenam 95% dos grupos de fundos rotativos solidários no território da Borborema. São por essas e outras razões que fortalecer o trabalho das mulheres não é um obséquio, e sim uma obrigação das organizações e estado.

Compreendemos que os grupos de FRS espalhados por todo semiárido brasileiro são sementes da economia solidária que revela para o mundo que um novo modelo de economia emancipadora e inclusiva dos mais pobres é possível.

Referências bibliográficas

BARRETO, S. S. Coalizões de defesa e finanças solidárias na Bahia: uma análise das interações no processo de construção da política pública no âmbito do GT de finanças. / 2017. 140 f.: il.



MDA- MINISTERIO DO DESENVOLVIMENTO AGRARIO. Territórios da cidadania, Brasília, MDA 2006. Disponível em <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/mda>, acessado em 24/07/202.

SINGER, P. (2002) Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.